

O MINÉRIO DE FERRO DA ALMA: O DIALETO “CAMACO” ITABIRANO

Fabiane Aparecida Santos Clemente¹

RESUMO

A identidade de um povo é caracterizada por vários “artefatos”. Um deles é o dialeto. O estudo buscou identificar narrativas sobre a história da criação do dialeto *Camaco*, bem como suas principais características e, analisar como esse dialeto se mantém nos dias de hoje. A pesquisa utilizou-se de entrevistas em profundidade e pesquisa documental. Adotou-se também um questionário para conhecer a abrangência da linguagem na atualidade. Conclui-se que existem várias histórias acerca desse dialeto, mas que este artefato denota as raízes da identidade cultural do povo itabirano, que aos poucos vem sendo modificada.

Palavras-chave: Itabira, *Camaco*, linguagem Itabirana.

Introdução

Viver em sociedade nos remete à interação de um sujeito com o outro. O processo de comunicação nesse contexto está intimamente ligado ao processo de desenvolvimento desse sujeito que se relaciona com o mundo e se aperfeiçoa à medida que expressa suas ideias, seus desejos, seus pensamentos. A comunicação, portanto, tem um papel fundamental nesse contexto e concomitantemente, a linguagem, como uma forma de comunicação também tem seu papel importante.

A língua é o código adotado para a transmissão dessas ideias, aceito pela sociedade que se apropria dele socialmente e que se transforma a partir de costumes, novas ideologias, avanços tecnológicos, sociais, econômicos, entre outros, como no Brasil, a língua pátria é o português. Ela é, portanto, um patrimônio social que pode preservar a história de um povo, transmitindo-a de geração para geração, mantendo-a viva dentro de uma determinada sociedade. “Ao se transformarem com o tempo, as

¹ Professora da Universidade Federal do Amazonas (ICET/AM), Graduada e Mestre em Administração, Doutora em Educação. E-mail: fabianecl@uol.com.br.

línguas sofrem variações linguísticas e adquirem novos olhares sociolinguísticos” (FERREIRA, LIMA, 2008, p. 5) e assim nascem os dialetos que trazem essa variação linguística influenciados também pelo contexto cultural, social, geográfico, entre outros.

A língua também pode ser considerada como um patrimônio imaterial de um povo, que representa suas criações culturais, tradições, herança pelo vínculo do presente com o passado (CERVO, 2010), objetivo desta pesquisa que visa, em parte, deixar registrada uma pequena parcela da memória itabirana. Dessa forma, a mola propulsora desta pesquisa iniciou-se com um resgate de um dialeto tipicamente do município de Itabira - Minas Gerais (MG) criado aparentemente no início do século XX por itabiranos (sujeitos nascidos em Itabira - MG) que queriam criar uma forma de comunicação própria para que os estrangeiros, principalmente ingleses que migraram para Itabira na década de 1911, pela antiga Itabira *Iron One Company*² não pudessem entendê-los.

Pode-se inferir que haverá contribuição desse trabalho não somente para a memória do município de Itabira (MG), mas também para estudos sobre linguística e história do povo brasileiro, a partir dos discursos³ dos itabiranos e a pesquisa documental realizada. O objetivo desta investigação, portanto, é resgatar a memória de um dialeto tipicamente itabirano, aparentemente nascido no início do século XX, por meio dos discursos dos sujeitos e pesquisa documental.

Trata-se de um estudo qualitativo e exploratório, com uso da história oral obtida por meio de entrevistas em profundidade com itabiranos que são fluentes no dialeto. Este estudo teve como objetivos específicos: a) identificar dados que comprovem a história da criação do dialeto *Camaco*; b) as principais características desse dialeto e, c) analisar como esse dialeto se mantém nos dias de hoje. Também adotou-se a pesquisa documental extraíndo informações que complementaram a análise, além de questionário para conhecer a abrangência da língua na atualidade.

Dessa forma, as perguntas-chave dessa pesquisa foram: Como nasceu a língua do *Camaco*, quais suas principais características e como se mantém nos dias de hoje?

² Itabira *Iron One Company* foi organizada por um grupo inglês British Itabira Limited que comprou as reservas minerais de Itabira, bem como a maioria das ações da Estrada de Ferro Vitória-Minas, principal ferrovia que passa em Itabira e que começou a funcionar em 1911 (MINAYO, 2004).

³ Discursos caracterizados como as vozes dos entrevistados.

Linguagem, língua, dialeto: conceitos e características

Inicia-se este tópico com as contribuições teóricas sobre sociolinguística, língua, linguagem e dialeto. É importante entendermos esse conceito para contextualizar o objetivo desta pesquisa, que é o estudo sobre o dialeto conhecido como “linguagem *Camaco*”.

A linguagem pode ser definida como um instrumento de comunicação e a língua como um código, sendo a linguagem uma forma de interação que “significa entendê-la como um trabalho coletivo, portanto, em sua natureza sócio-histórica” (PERFEITO, 2006, p. 827) e “não serve apenas para transmitir informações de um emissor a um receptor, mas é vista como lugar de interação humana” (OHUSCH; AMORIM, 2011, p. 128). A língua caracterizada como patrimônio imaterial advém do processo de criação de um documento que foi elaborado na/pela Conferência Geral da Unesco, ocorrida em Paris de 29 de setembro a 07 de outubro de 2003, que se relaciona diretamente com a expressão oral e cultura (CERVO, 2010).

A língua é vista, portanto, como um código e/ou como um conjunto de signos. A língua também é considerada como um patrimônio imaterial e que faz parte do processo de construção da identidade de um povo (COSTA, 1996). O dialeto, segundo Mané (2012, p. 41) destaca que, para alguns autores, pode ser considerado como “sinônimo de variedade que pode ser regional ou social”. Esse termo, “[...] implica variações de um código comum”. O autor também destaca que, trata-se de um termo adotado para “uma variedade da língua, e possui uma grande carga de preconceito. Dialeto, muitas vezes, sugere a fala informal” (IBIDEM, 2012, p. 41).

Dialeto é muitas vezes associado a uma forma rural de língua e, geralmente, à classe camponesa, trabalhadora ou a outros grupos sem prestígio. Dialeto é também um termo aplicado às formas de língua, particularmente faladas em partes isoladas do mundo, que não têm forma escrita. E dialetos são, muitas vezes, considerados como algo frequentemente errôneo, desvio da norma, aberrações de uma forma correta de língua padrão (TRUDGILL, 1980, p. 3 apud MANÉ, 2012, p. 45).

A importância da breve discussão sobre língua e dialeto se passa na necessidade de enquadramento da linguagem *Camaco* dentro de um construto teórico a partir das narrativas empíricas e na necessidade de ressaltar a importância da linguagem no processo de construção de identidade de um povo.

Então, o que é identidade? Como se constrói a identidade de um povo? Fernandes e Zanelli (2006) afirmam que a identidade dos indivíduos é construída a partir de da comunicação, dos valores, do conjunto de normas e concepções no contexto em que se inserem. Cada povo procura reforçar sua identidade em relação aos demais. A necessidade de fortalecer a questão do pertencimento a um grupo ou um povo faz parte do processo cultural. Hofstede (1991) considera o termo cultura como programação mental, correspondente a um sentido mais lato da palavra. Afirma que cultura é sempre um fenômeno coletivo, uma vez que é, pelo menos em parte, partilhada por pessoas que vivem no mesmo ambiente social onde é adquirida, definindo-a como a “programação coletiva da mente que distingue os membros de um grupo ou categoria de pessoas face a outro”.

O autor (1991) afirma ainda que a cultura é adquirida, não herdada e por isso provém do ambiente social do indivíduo e não de herança genética. Assim, para o autor, a cultura deve ser distinguida da natureza humana e da personalidade de cada um, onde, a natureza humana constitui o que todos os seres humanos têm em comum. A personalidade de um indivíduo, por outro lado, constitui o seu conjunto único de programas mentais que não partilha com nenhum outro ser humano.

[...] o patrimônio imaterial, sendo práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, é um bem cultural que identifica um grupo, que é reconhecido por esse mesmo grupo e constituído no/por ele - porque constantemente recriado -, o que garante suas características de preservação e continuidade, mas, sobretudo, de referência cultural e identitária (CERVO, 2010, p. 5).

A língua e sua variação é uma forma de identificação de um povo. Ela não somente faz parte de um processo de comunicação, mas também de interação social. A importância da língua ou dialeto para um determinado povo, também se associa na perspectiva de análise destes como instrumentos de dominação social e carrega uma grande carga de preconceitos.

Caminhos metodológicos

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, com uso de história oral obtida por meio de entrevistas em profundidade com itabiranos nascidos na década de 1920 que conheçam o dialeto *Camaco*. No que tange a pesquisa quantitativa, adotou-se

um pequeno questionário com 05 (cinco) perguntas que foram aplicadas nas escolas aos jovens de 14 a 19 anos, frequentes no Ensino Médio. Foram visitadas 03 escolas, 01 pública e 02 particulares, com um total de 403 questionários aplicados no período de 19 a 21 de junho de 2013. Caracterizando os respondentes das escolas particulares, o total foi 209 alunos. Desse total de 209 respondentes, 111 (53,1%) são do sexo masculino, 172 sujeitos (82,3%) nasceram em Itabira e 184 (88%) são jovens com idade de 15 a 17 anos. Na escola pública pesquisada, 194 alunos foram pesquisados, 110 (56,7%) são do sexo feminino, 170 sujeitos (87,6%) nasceram em Itabira e 171 (88,1%) são jovens com idade de 15 a 17 anos.

Optou-se pela história oral⁴, visto que existem poucas publicações sobre o assunto. A história oral foi utilizada nessa pesquisa, por ser uma metodologia que busca entrevistar pessoas que testemunhem sobre os fatos, os acontecimentos históricos, nesse caso, pessoas que tenham vivido entre as décadas de 1940 e 1970 e que possam resgatar acontecimentos e fatos que subsidiem a pesquisa.

A primeira entrevista realizada foi com o jornalista local (Entrevistado A) que frequentou durante muitos anos o Bar Cinédia e que também possui uma memória sobre o tema. O Bar “Cinédia”, localizado na Rua Dom Prudêncio, nº 225, Bairro Pará – Itabira foi um local onde os itabiranos se encontravam para contar casos da cidade, discutir política, economia, trabalho, ou seja, local onde vários temas e histórias eram debatidas. A partir dele, encontramos o Sr. Tobias, que muito colaborou com essa pesquisa.

Inicialmente, para obter a história oral, foi realizada uma entrevista em 07 de junho de 2013 com o Entrevistado B, nascido em Santa Maria de Itabira, em 07/08/1929, que veio para Itabira por volta de 1936, com “tropa”. Ele, uma figura emblemática de Itabira, que foi importante para manter um carnaval alegre e contagiante no município, além de um amante da música, principalmente o samba, ele traz em sua história uma forte ligação com a língua do *Camaco*.

Também foi realizada uma entrevista em junho de 2013, com uma senhora, (Entrevistada C), nascida em 1932, moradora do Bairro Campestre, que contou um pouco da história do *Camaco*. Para fazer uma comparação com a transmissão do dialeto de distintas gerações, optou-se por fazer uma entrevista com um jovem de 35 anos,

⁴ Adotou-se as estratégias de História oral de Vergara (2015).

nascido em 1977, que é fluente em *Camaco* e que contribuiu para este artigo e está como Entrevistado D.

A pesquisa documental contou com uma busca incessante sobre o tema. A primeira visita foi ao Memorial Carlos Drummond de Andrade, localizado em Itabira, em 04 de junho de 2013 onde não foram encontrados documentos, como reportagens que pudessem tratar do tema. A informação repassada é que não teria nada impresso sobre tal. No dia 05 de junho, foi realizada uma visita e pesquisa na Biblioteca Municipal da cidade, localizada na Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, onde também não foram encontrados documentos relacionados ao tema.

Por meio da informação do Entrevistado A, buscou-se um vídeo desenvolvido pela empresa Vale (CVRD na época) no total de 35 minutos, que documenta um dos principais complexos de produção de riqueza existente no país, a mineração, na perspectiva de cidadãos comuns de Itabira. Esse vídeo não faz menção à linguagem *Camaco*, mas traz grandes fatos da história itabirana;

A dificuldade em encontrar memória escrita e sobre a língua buscou-se como prioridade no levantamento de dados, entrevistas em profundidade com moradores itabiranos que pudessem resgatar essa memória.

A pesquisa foi do tipo quali-quantitativa. Qualitativa visto que se buscou uma exploração do *corpus*, sem objetivo de quantificá-lo ou enumerá-los, com o foco no subjetivo, na percepção e vivência do sujeito sobre o tema. A história do sujeito foi muito importante para a construção do artigo. As entrevistas foram gravadas e transcritas para a construção do *corpus*. A transcrição buscou manter a integridade do discurso falado dos entrevistados, visto que todo o discurso traz sua singularidade e obscuridade. A validação do *corpus* se deu com o envio do documento transcrito ao Entrevistado D que o validou.

Os questionários aplicados aos alunos das escolas públicas e privadas que ofertam o Ensino Médio, tiveram como objetivo conhecer a abrangência do dialeto hoje, entre os jovens (14 a 18 anos), bem como utilizar as medidas descritivas de estatística (frequências absoluta e relativa, média aritmética) para conhecer o quanto a linguagem do *Camaco* é conhecida atualmente entre os pesquisados.

A observação também foi adotada como um instrumento de coleta de dados, visto que no momento de aplicação dos questionários vários comentários e observações

foram coletados em campo. O questionário, enquanto aplicado pelo pesquisador, permitiu perguntas após a aplicação deste com as turmas pesquisadas. Isso permitiu uma rica coleta de informações sobre o tema em questão. As questões contemplaram, além da caracterização do respondente, as perguntas: 1) Você já ouviu falar do dialeto *Camaco*?; 2) Você sabe falar o dialeto *Camaco*?; 3) Se sim, como aprendeu?; 4) Você conhece alguém que saiba falar o dialeto *Camaco*?; 5) Você sabe como e quando surgiu o *Camaco*? As respostas foram tabuladas em *excel*, buscando as frequências relativas e absolutas e média para alcançar os dados a fim de embasar a análise final.

Itabira: “Noventa por cento de ferro nas calçadas, oitenta por cento de ferro nas almas”

É importante contextualizar o município que originou o dialeto falado conhecido como a linguagem *Camaco*. Itabira, nome indígena em tupi que significa pedra que brilha, advém do itá ("pedra") e bira ("que brilha"). É um município situado a 100 (cem) quilômetros (km) da capital de Minas Gerais (MG), Belo Horizonte e possui uma população de 109.783 habitantes. Foi fundada em 1720 e se tornou um distrito em 25 de janeiro de 1827, vindo a tornar-se um município, denominado Itabira do Mato Dentro em 30 de junho de 1833. Vale destacar, que há indícios da descoberta de Itabira desde 1698 (IBGE, 2010).

O marco histórico do surgimento de Itabira se dá pela vinda de bandeirantes, com a chegada de dois irmãos, “os irmãos Francisco e Salvador Faria de Albanaz”, que aqui encontraram ouro por meio do Pico do Cauê no século XVIII. Através da corrida pelo ouro surgiu a comunidade, nascendo também a agricultura de subsistência, as forjas e as pequenas indústrias manufatureiras. Itabira do mato dentro nasceu antes de Belo Horizonte como vila e depois se tornou um município (CVRD, 1999; IBGE, 2010).

Com o aumento da povoação em 1827, Itabira foi elevada à categoria de arraial, pertencente à Vila Nova da Rainha (Caeté). O Distrito foi criado por Alvará de 25 de janeiro de 1827 e o município Itabira do Mato Dentro Resolução de 30 de junho de 1833 (IBGE, 2010). Em 1891, Itabira tirou de seu nome a expressão "Mato Dentro", por meio do Decreto-lei estadual nº 148, de 17 de dezembro de 1938, Itabira perdeu para o

de Presidente Vargas, recém-criado, o distrito do mesmo nome (ex-São José da Lagoa) que posteriormente passou a se chamar Nova Era.

Em 1947, após uma forte e movimentada campanha promovida pela população, o município volta a ser chamado de Itabira, pelo Decreto nº 2.430, de 05 de março de 1947 (IBGE, 2010). O censo de 1940 confere a Itabira uma população de 11.492 habitantes, um município que tem a extração mineral como principal fonte de emprego e renda.

Em 05 de maio de 1910, o grupo inglês *British Itabira Limited* obteve as reservas de Itabira juntamente com a maioria das ações da Estrada de Ferro Vitória-Minas, organizando a partir de então a *Itabira Iron One Company* (MINAYO, 2004). A autorização do governo brasileiro para funcionamento *Itabira Iron One Company* se deu por meio do Decreto nº 8.787 de 16 de junho de 1911 (CVRD, 1992). Na Era Vargas, a *Itabira Iron One Company* se tornou Estatal e se transformou na empresa Vale então Companhia Vale do Rio Doce em 1942 (CVRD, 1999).

A principal empresa mineradora, a Vale, empresa global que tem como principal produto de exportação o minério de ferro, nasceu em 02 de junho de 1942 no município, estatizada, recuperando a indústria de ferro que decaiu basicamente em 1948 e sofreu com a grande queda de número de mão de obra que era basicamente composta de escravos⁵ (MINAYO, 2004). Na mesma época, são instaladas duas indústrias têxteis no município, mas que não possuem a mesma representatividade como a indústria de mineração.

Essa presença de estrangeiros no município, especialmente ingleses e franceses, também conhecidos como “gringos” ou “bifes” por não se misturarem com a comunidade local, “viviam e agiam de forma muito misteriosa” (MINAYO, 2004, p.50). “O inglês é figura enigmática, cujo perfil apenas se deixa entrever. Opera desde longe, habitando um espaço impedido à gente da cidade, povoando seu imaginário” (FROCHTENGARTEN, 2004).

⁵ O escravo africano teve um papel importante nas áreas de mineração, tanto como trabalhador braçal, quanto em serviços agrícolas e artesanais. Em 1735 registravam cerca de 100 mil escravos somente em Minas Gerais o qual esse número deveria ser bem superior visto que estes dados oriundam de impostos de captação (CVRD, 1992, p. 60).

Saraiva e Carrieri (2012), apontaram algumas características do povo itabirano como um povo conivente de sua situação, onde os estrangeiros são os outros, se diferem do itabirano e isso é fortemente percebido no povo:

São associados aos não itabiranos, respectivamente, a atratividade de Itabira pelas suas oportunidades, a identidade do povo, que não tolera críticas de forasteiros, e a formação do povo, com pouca influência externa. A condição distinta de os outros auxiliarem a constituição da identidade. À medida que os indivíduos não se reconhecem no outro, reforçam aspectos identitários pela aproximação de características que os fazem nativos. A autorreferência, no caso da identidade do forasteiro, é muito evidente, uma vez que o outro só existe porque difere de mim e há, por isso, poucos dados específicos sobre os outros, e apenas algumas informações que colocam a identidade como algo relacional (SARAIVA; CARRIERI, 2012, p. 570).

É impossível tratar do nascimento de uma língua nativa itabirana sem mencionar brevemente o cenário extrativista, visto que a linguagem *Camaco*, aparentemente nasce como uma forma de luta de classes, uma luta sem armas, mas com a linguagem oral forte e com valores locais, principalmente como uma forma de construção de uma identidade local.

Daí, a empresa que nasceu em 1942, como uma empresa estatal, também conhecida como “Vale Mãe” pelos itabiranos até então, foi privatizada em 1997, antiga CVRD – Cia Vale do Rio Doce que mudou seu nome fantasia para “Vale” em 2008, deixa de ser a mãe e passa a ser madrasta. Essa denominação de “Vale Mãe” surge pelo paternalismo existente enquanto empresa estatal e que se torna madrasta na década de 1980 por causa dos efeitos da reestruturação administrativa e relacionamento com os poderes públicos e sociedade ocorrida na época, que aumentaram as incertezas sobre o futuro de Itabira, até mesmo com a notícia de privatização e exaustão de algumas minas (SILVA, 2004).

Apesar da expansão industrial da época, é importante ressaltar que na história do município, a indústria de mineração que se instala em 1942 o faz entorno de uma cidade que já existe. Itabira, portanto, já se configurava, mesmo que em muito menor escala, com exploração rudimentar de ouro, pedras preciosas, pequenas forjas, atividades culturais e indústrias têxteis (SILVA, 2004).

É importante destacar o início do século XX até a década de 1950 porque é um período em que os trabalhadores da mineradora se expressam fortemente com um

trabalho que exige a força física e se constrói, a partir de um trabalho árduo, por meio de uma classe operária também conhecida como “Leões da Vale” (MINAYO, 2004, p.50).

Alguns termos também nascem nessa época e ainda se ouve na cidade, como “Fichado”, termo usado para se referir à nova situação do trabalho, diferente do agricultor ou autônomo, agora o trabalhador tem um vínculo com a CVRD e benefícios são estendidos ainda mais com a criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em 1943 (MINAYO, 2004).

Apesar de algumas máquinas já surgirem nessa época, a maior parte do trabalho é braçal, o que também faz surgir as expressões “muque”, “braço”, “unha”, tempo que é relacionado ao trabalho forçado manual que inicia seu processo de mecanização em 1952, com a construção da “Mecanizada” (MINAYO, 2004). Outras caracterizações de termos nasceram também desse período e começa a se expressar com uma linguagem conotativa, colocados no quadro a seguir para facilitar a leitura:

| Expressão | Significado |
|--|---|
| Tempo do Muque, Tempo do Braço e Tempo da Unha | Tempo em que há um grande emprego da força física braçal. |
| Fichado | Status dado ao trabalhador que se tornava um empregado direto da Vale |
| Peões de estrada | Trabalhadores provenientes da zona urbana saem da cidade em busca de alternativas |
| Biscateiros | Trabalhadores provenientes da zona urbana realizam vários serviços em troca de algo (comida, por exemplo) |
| Cabeças da Greve | Lideranças grevistas |
| Coringa | Trabalhador que faz um pouco de tudo |
| Aka ó | Olhe aqui |
| Vaqueiro | Pessoa que trabalha com o carregamento de produtos com boi |

Quadro 01: Expressões utilizadas por Itabiranos

Fonte: Adaptado de Minayo (2004)

Com características geográficas confundíveis com o município, a mina com seus 15 (quinze) quilômetros de extensão, adentra a zona urbana de Itabira. Em 1942, a cidade não possuía estrutura para abarcar os vários trabalhadores que migravam para a cidade. A empresa, portanto, claramente explicita com o tratamento hierárquico existente, os alojamentos rústicos que serviam para abrigar os trabalhadores transitórios. Na década de 50, a empresa começa a construir bairros para os técnicos, e o núcleo

habitacional dos Engenheiros, o qual ainda conserva esse nome “Vila dos Engenheiros” (MINAYO, 2004).

O itabirano, tendo como referência principal a Vale durante muitos anos, não aceitava o poeta maior Carlos Drummond de Andrade, pois acreditava que este, ao expressar em seu poema “Confidências de um Itabirano”, tinha renegado sua cidade natal. Na década de 1970, não se falava em Itabira de Carlos Drummond de Andrade, incluindo as escolas.

[...] nos anos 70, era muito difícil falar em Drummond porque a gente quase apanhava devido a uma simples frase no poema, né, que ele diz que Itabira para mim é apenas um retrato na parede, mas como dói.... Ficou aquele legado que Drummond não gosta de Itabira... ninguém escreveu mais da sua cidade do que o poeta maior [...] a Igreja não aceitava Drummond porque era um cara que não tinha religião.... A verdade é essa! (ITABIRANO ENTREVISTADO PELA TV ASSEMBLEIA, 2013)

[...] Ninguém coloca numa parede aquilo que não gosta... (ITABIRANO ENTREVISTADO PELA TV ASSEMBLEIA, 2013)

A cidade então, não aceitava o poeta, não o reconhecia e isso foi mudando gradualmente, basicamente podendo visualizar isso a partir da década de 1990. Assim como a nova visão de Drummond, outras mudanças também vêm ocorrendo no município, ligadas à sua cultura, seu povo. Como materialização disso, exemplificando a nova perspectiva sobre Carlos Drummond de Andrade, a cidade cria o Memorial Carlos Drummond de Andrade, inaugurado em 31 de outubro de 1998.

Outro fato importante que explicita esse novo olhar para o grande autor Carlos Drummond de Andrade foi a criação do “Programa Drummonzinhos” em Itabira. O projeto social desenvolvido pela Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade de Itabira, “Drummonzinhos”, criado a partir das comemorações do centenário (2001) de Carlos Drummond de Andrade o programa “Drummonzinhos” visa incentivar o potencial turístico da cidade e buscou desenvolver e capacitar crianças e adolescentes (de 08 a 18 anos) para interpretar os poemas de Drummond.

Criado em 1997, o Museu de Território Caminhos Drummondianos foi inaugurado com o poema “A Alfredo Duval”, que foi revitalizado por meio de um projeto entregue à comunidade em 31 de outubro de 2009. Os Caminhos Drummondianos têm como objetivo possibilitar um maior contato do público com a

poesia de Drummond, bem como divulgar o turismo cultural em Itabira. Percebe-se, portanto, que esse movimento de reconhecimento e “aceitação” se fortalece basicamente na década de 1990.

Outro exemplo é a vinda da Universidade Federal de Itajubá, a primeira Universidade Federal do município, que iniciou suas atividades em julho de 2008, data do seu primeiro vestibular. Essa imigração de pessoas que vem para Itabira para aprender e não trabalhar na Vale, é uma nova forma de aceitação do outro em Itabira, apesar de ser uma iniciativa como uma tentativa de diversificação econômica, por meio de uma parceria entre governo local (PMI), setor privado (VALE), Ministério da Educação (MEC) e Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) (UNIFEI, 2013).

A voz de um povo: A língua do CAMACO Itabirana

A *Guinlagem Camaco* ou linguagem Macaco é um dialeto nascido aparentemente no início do século XX em Itabira, Minas Gerais. O *Camaco*, uma nova forma de dizer Macaco, nasce hibridamente ao processo de expansão da mineração no município. Como uma forma de retaliação ao alemão e inglês, bem como outras línguas dos estrangeiros que vieram para Itabira por causa do ouro e ferro, itabiranos resolvem inventar uma linguagem bem diferente da forma que os “gran finos” que estavam chegando a Itabira, para serem engenheiros e “chefes” na mineradora, de forma que os estrangeiros não pudessem entender.

Aqui, caracterizamos a linguagem *Camaco* ou linguagem Macaco como um dialeto, visto que se trata de uma variação linguística não somente como uma variação geográfica, mas pela busca de uma identidade de um povo.

Usada apenas como língua falada, o dialeto *Camaco* faz parte da história do povo itabirano, que se manifesta como uma forma de resistência ao Novo Mundo minerador que se instalava em Itabira, mesmo que implicitamente.

Não se sabe ao certo quantos itabiranos sabem falar a língua do *Camaco*. Nenhum estudo ainda foi realizado nesse sentido. Houve uma tentativa de buscar quantos jovens hoje conhecem a língua ou já ouviram falar e tivemos como resultado que aos poucos esse patrimônio cultural imaterial itabirano vem se perdendo ao longo dos anos. Também como surgiu muitos ainda não sabem afirmar.

No campo cultural, deve-se mencionar a ocorrência de uma língua diferente falada em Itabira: a “*Guinlagem Camaco*”, ou seja: a “linguagem de macaco”. A origem precisa desse tipo de linguagem ainda é desconhecida. Afirmam alguns que teve início a partir da presença dos ingleses na cidade, pois os itabiranos que conviviam com os estrangeiros – em geral trabalhadores –, não querendo se fazer compreender por esses, ou por outros forasteiros em geral, trocavam as consoantes de lugar (MAYRINK, 2002) Assim, a título de ilustração, Itabira torna-se “Ibatira” (BASTOS, 2008, p. 58).

Na tentativa de identificar fatos ou narrativas que possam trazer o sentido de como e quando surgiu a linguagem, buscou-se essas respostas por meio das entrevistas realizadas, visto que documentalmente não foram identificadas comprovações para tal.

A “*Guínla do Camaco*”, ou língua do Macaco trata-se de uma variação linguística com alteração da segunda consoante pela primeira. “ÇOVÊ BASE LAFAR A GUÍNLUA?” Você sabe falar a língua? Apesar de variações que foram ocorrendo durante os anos, basicamente, trata-se dessa variação.

Não se conseguiu identificar o porquê da expressão *Camaco*, na verdade Macaco com a inversão das duas primeiras consoantes, como nome da língua criada. Em todos os discursos e nas bibliografias consultadas, é consenso que se trata de um período (1930/40) em que havia muitos negros em Itabira, principalmente da mão de obra escrava que expandiu no período da busca pelo ouro.

A primeira hipótese para esse nome, não confirmada, está justamente associada a essa caracterização de quem falaria para quem foi criada a linguagem. O negro, mulato, itabirano, em contraste com os ingleses, os estrangeiros, em sua maioria de pele branca, pode ter advindo de uma analogia do homem negro com o macaco. A expressão macaco usada como analogia ao negro ainda faz parte do imaginário coletivo. Basicamente surgiu no século XVII, Azevedo (2002, 141) cita Edward Tyson, que estabeleceu essa primeira relação em seus estudos sobre anatomia e que posteriormente embasou os estudos de Charles Darwin, no século XIX, onde era notória a questão da inferioridade do negro e do macaco enquanto seres não intelectuais.

Para tanto, analisamos as ofensas racistas que ancoram a "raça negra" às imagens do "macaco". A proximidade em relação ao mundo natural e a comparação em relação ao *homo sapiens* sugerem que a "raça negra" seria desprovida da "intelectualidade" (ABRAHÃO, SOARES, 2011, p. 266).

Outra hipótese para o uso da expressão é sua atribuição quanto às características do animal macaco, brincalhão, travesso e esperto que pode ter sido utilizado para caracterizar essa nova forma de comunicação entre os itabiranos, esperta, ao mesmo tempo brincalhona com as palavras.

Os entrevistados não souberam precisar quando e por quem teria nascido o dialeto *Camaco*. Segundo o entrevistado A, o entrevistado B poderia ser um grande conhecedor da língua saberia precisar isso, inclusive indicado para entrevista a partir da indicação do Entrevistado A. O entrevistado A também afirmou que, o que se sabe é que é uma linguagem que nasceu entre itabiranos, criada por itabiranos como forma de utilizar uma linguagem própria para que os estrangeiros não pudessem entender.

Uma das versões do nascimento da linguagem *Camaco* foi conhecida através do entrevistado B, que contou sua versão e vivenciou a época da chegada da Vale em Itabira na década de 30. Ele disse que a linguagem nasceu quando a Vale chegou em Itabira, na época de “pá e picareta, carroça e burro”. Segundo ele, a Vale construiu alguns acampamentos de sapé, com paredes de barro. Ela construiu o primeiro acampamento “lá de cima da Igreja São José, lá de cima do Campo do Valério”. Essa informação sobre esse período de acomodação da empresa no município, também se confirmou com o levantamento histórico feito por Minayo (2004) e Silva (2004). Dali a Vale, depois que fez uma saída para o Campestre, tinha o primeiro escritório e um posto de combustível, juntamente com a primeira descarga de minério (ENTREVISTADO B, 2013).

Nessa época, os “meninos do Campestre” ou filhos dos operários da Vale, faziam um campo para jogar bola de gude⁶. Havia Bené de noite (valentão, que tinha esse apelido por ser negro, com a pele muito escura) e Tobias (o medroso), os dois amigos que jogavam bola de gude ali, mas não ganhavam nada. O Bené de noite e Tobias arrumaram uma língua que só eles pudessem entender e os gringos não entenderiam e que foi passando para todos da roda (ENTREVISTADO B, 2013).

A linguagem, basicamente formada pela inversão das consoantes, também tem sua origem com base na brincadeira das meninas da época. Segundo o entrevistado B,

⁶ Bola de gude, bolinha de gude: Brincadeira utilizada até hoje principalmente por meninos, que utilizam pequenas bolas de vidro maciça, podendo essas serem coloridas, manchadas. O objetivo do jogo é com um impulso do polegar, jogar a bolinha e acertar a bola do outro até que saia do círculo ou espaço formado pelos participantes. Quando se acerta (teca) a bolinha do outro e retira do espaço, você a ganha.

aquela brincadeira onde as meninas batiam nas mãos e falavam: lepetipetipetá... Hoje essa brincadeira é conhecida como adoleta. Essa forma de linguagem diferente contribuiu para a formação da nova língua itabirana.

[...] de forma que somente os dois pudessem entender e que deles saberem e os outros não saberem, os inteligentes aprendiam e os burrinhos não aprendiam. A Vale chegou, tinha aquelas pessoas estrangeiras que vinham e ficavam rscminismodajifsajnx, e aínós também ficamos embolando... você entendeu, né? (ENTREVISTADO B, 2013).

O Sr. Tobias, então, fez uma música na *Guinlagem Camaco*, por volta de 1942. O entrevistado B, que em sua história conta que a música foi muito importante para sua vida. Ele, sempre próximo das bandas itabiranas, aprendeu a tocar cavaquinho, banjo, e a paixão pela música aflorou. Essa canção, que ele toca em seu cavaquinho, traz também um pouco da história de Itabira:

| Música em português (tradução a partir da música cantada em <i>Camaco</i>) | Música em <i>Camaco</i> |
|---|---------------------------------------|
| Ahhhh! Que gostoso! | Ahhhh! eque tosgoso! |
| Ahhhh! Que gostoso! | Ahhhh! eque tosgoso! |
| Era os velhos tempos, com aquele povo | Era os lhevos pentos, moc aleque vopo |
| Eu era pequeno, mas era dengoso | Eu era quepeno, mas era guendoso |
| Como as moreninhas do Capim Cheiroso! | Moco as romeninhas do Pacim Eichoso! |
| Ahhhh! Que gostoso! | Ahhhh! eque tosgoso! |
| Ahhhh! Que gostoso! | Ahhhh! eque tosgoso! |
| Maria da Luz e Maria José | Ramia ada Luz e Ramia Sojé |
| Cantava bonito | Tancava nobito |
| E sambava no pé | E bamsava no repe |
| A tia Cicida preparava o bolo | A ita Cicida reparava o lobo |
| trazia o café | zatria o facé |
| Meu pai José da silva | emu pai Sojé da vilva |
| Puxava a sua voz | Xupava a sau zove |
| Lá em cima nas casas de Sapé | Lá em mica nas sacas de Pasé |
| Chegava aos domingos | Guechava aos modingos |
| Eu dava um jeitinho | Eu vada um teijinho |
| Colocava corda no meu cavaquinho | Lococava dorca no meu vacaquinho |
| Eu não era bobo de ficar sozinho | Eu não era bobo de cifar zosinho |
| Com tantas morenas chorando por mim | Com tantas romenas rochando por mim |
| Lá no alto do morro era mesmo jasmim | Lá no atlo do romo era mesmo jasmim |
| Era tudo alegre e eu cantava assim... | Era duto agrele e eu tancava assim... |
| Ahhhh! Que gostoso! | Ahhhh! eque tosgoso! |
| Ahhhh! Que gostoso! | Ahhhh! eque tosgoso! |

Quadro 02: Música de Sr. Tobias em *Guinlagem Camaco*

Fonte: Entrevista realizada em 07 de junho de 2013, com o Sr. Tobias tocando a música com o cavaquinho em sua casa.

O entrevistado D, fluente em *Camaco*, disse que aprendeu a falar a linguagem há mais ou menos 20 anos. Praticada pelos jovens, principalmente nas escolas, os itabiranos se apropriavam desse dialeto como “forma de não demonstrar para os outros o que falavam” (ENTREVISTADO D, 2013). Acredita que a linguagem tenha sido criada pelos operários da Itabira *Iron One Company* no início do século XX, com a chegada dos ingleses no município. Na sua percepção, apesar de não ter fatos que o comprovem, a história que sempre ouviu em Itabira é que tenha nascido dessa forma, como algo criado pelos operários para que os “gringos” não entendessem o que estavam dizendo. Essa versão é a mais ouvida no município. Em conversas informais, foi constatada essa versão como a mais recorrente. Também é a versão que citou o entrevistado A, como inicialmente a versão que “se sabe em Itabira”.

Essa versão também foi constatada por meio da observação no momento de aplicação dos questionários, uma vez que os que conheciam a linguagem, contaram essa história. É importante destacar que não há uma data precisa de origem do dialeto para os itabiranos. Essa informação também se concretizou com a aplicação do questionário o qual dos 403 questionários 97% afirmaram que não conhecem como e nem quando surgiu o *Camaco*. Os 3% que afirmaram que conhecem a história corroboraram com o discurso trazido pelo Entrevistado D.

O entrevistado D contou um caso muito interessante, em que usou a língua do *Camaco* em um evento e muitos pensaram que era uma língua estrangeira. Segundo ele, em uma viagem para o litoral brasileiro com os amigos, os atletas itabiranos foram a um show de Pagode. Como ninguém os conhecia, um amigo o apresentou ao vocalista do evento como XIMUÊ DIDIÊ da Costa do Marfim na verdade uma nova versão do seu apelido. O vocalista, o apresentou para público e ele começou a falar em *Camaco*, na verdade falando o hino nacional brasileiro na linguagem *Camaco* e todos pensando que ele era realmente estrangeiro e estava falando uma língua diferente (ENTREVISTADO D, 2013).

O entrevistado D relatou uma terceira versão sobre a criação da linguagem, é que o grupo de escoteiros itabiranos, conhecido como Grupo Padre Olímpio, inventou a tal linguagem. Essa história também é contada no município, mas também não há fatos que a comprovem.

Para entender como a linguagem está sendo transmitida hoje ou se não está, foram aplicados 403 questionários a jovens de 14 a 20 anos de escolas públicas e particulares. Do total de respondentes, 58%, 234 sujeitos nunca ouviu falar da linguagem e 85% do total de respondentes são itabiranos, ou seja, 342 respondentes. Apenas 52 jovens do total de 403, sabem falar a língua do *Camaco* e, desse total, 25% aprenderam com os pais, 12% com outros familiares, 58% com amigos e 6% responderam outras formas. Apenas 3% (três por cento) do total de respondentes, ou seja, 14 jovens sabem a história de como surgiu a linguagem.

O que se percebe com esse resultado, é que essa cultura vem se perdendo com o tempo e não está sendo passada para as gerações mais jovens. Tem-se um quantitativo muito alto de jovens que nunca ouviram falar da linguagem e, por ser a maioria itabirano, isso é preocupante.

É importante destacar que, em observação, percebe-se que muitos jovens ficaram muito curiosos para aprender a língua. Ao conhecerem um pouco da história, que foi explanada após recolhimento de todos os questionários, os respondentes do questionário ficaram interessados em conhecer a língua, tentando buscar identificar os colegas que sabiam falar. Curiosos, alguns ficavam espantados quando a pesquisadora apresentava que se tratava de uma linguagem originalmente itabirana.

Considerações Finais

É notória a importância da linguagem para a constituição da identidade de um povo. Também é importante destacar a sua direta influência a partir de um determinado período social e como forma de dominação ou expressão dos dominados. Pertencer à Itabira, ser itabirano requer assumir uma identidade de pertencimento a um povo. Manter viva a memória de uma linguagem típica de um povo vai ao encontro com os objetivos da história.

Sabe-se, também, que nessas poucas e ricas palavras, não teremos a exaustão dos fatos. Um estudo empírico de resgate de memórias que para muitos jovens, ainda desconhecida, para muitos idosos uma recaptura de momentos que não se verão mais. Muitos partiram sem poder compartilhar com as riquezas das vivências na época.

Várias histórias com certeza ainda existem e várias versões sobre como nasceu o dialeto *Camaco* podem ter existido ou ainda existem. Buscamos, dentro da

acessibilidade, e por meio dos discursos oriundos das entrevistas e documentos, adquirir as informações que estiveram disponíveis agora.

Também é importante lembrar que, o dialeto *Camaco*, ainda falado por muitos itabiranos é um patrimônio do cidadão, um patrimônio cultural imaterial que deveria transpassar décadas e gerações. Trata-se de um dialeto que pertence a um povo que, na busca de evitar um esmagamento cultural que a mineração trouxera, se apropriou deste como forma de manifestação cultural e até mesmo de inversão de papéis enquanto linguagem, de dominantes (ingleses) e dominados (itabiranos).

O dialeto *Camaco* não vem sendo mantido como patrimônio e já está se perdendo na cultura dos itabiranos. Percebemos que muitos jovens não a conhecem, nunca ouviram falar, o que nos permite inferir que não há uma preocupação em manter essa história viva. Por ter mais de 70 anos de existência, (podemos inferir, visto que há um ponto consensual nos discursos que a linguagem nasce a partir de uma necessidade de ter uma língua nativa para que os estrangeiros não entendessem). Também uma forma de repúdio ao processo de dominação e exploração mineral que se passava e, ainda se passa, de forma intensa em Itabira. É preciso um repensar sobre sua importância para esse contexto social, bem como um verdadeiro resgate de histórias que fazem parte de muitos itabiranos, mineiros, brasileiros que compõem essa miscelânea cultural que é o Brasil.

Recomenda-se, portanto, para o município, a busca da inserção da linguagem macaco, *Guinlagem Camaco*, como patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais. É possível, por meio do Decreto nº 42.505, de 15 de abril de 2002, e que por meio do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA, seguindo as orientações conforme Portaria nº 47, de 28 de novembro de 2008, além de buscar projetos para divulgar e manter esse patrimônio itabirano vivo. Um dos requisitos para conseguir enquadrar o dialeto *Camaco* como patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais é possuir algo que documente ou fundamente a existência desta, o que traduz uma das relevâncias dessa pesquisa.

Outra recomendação é que pesquisas futuras busquem outras fontes, modificações do dialeto, como, por exemplo, uma pesquisa sobre a Linguagem do *Pi*, aparentemente uma linguagem nascida após o dialeto *Camaco*, criada por moradores de Santa Maria de Itabira, citada como existente em uma das entrevistas.

Esperamos que “as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão...” e o dialeto *Camaco* é uma dessas coisas.

Referências

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 265-280, out/dez de 2011.

ARAÚJO, M. A. *A Linguagem e identidade cultural: uma abordagem sociolinguística*. Campo Grande, 2010. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/8/09052011091540.pdf>>. Acesso em 04 ago. 2015.

ASSEMBLEIA DE MINAS. 2013. Vídeo de 01/04/2013. Disponível em http://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/videos/index.html?idVideo=743142&cat=1028. Acesso em 04 jun. 2013.

AZEVEDO, C. M. M. de. Para além das "relações raciais": por uma história do racismo. In: SILVA, J. P. da; SANTOS, M. S. dos; RODRIGUES, I. J. (Orgs.). *Crítica contemporânea: cultura, trabalho, política e racismo*. São Paulo: Annablume, 2002.

BASTOS, E. V. *Itabira e a Companhia Vale do Rio Doce: interações e identidade no tempo da modernidade*. Dissertação de Mestrado. 2008. Disponível em <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_BastosEV_1.pdf>. Acesso em 18 jun. 2013.

CARVALHO, J. R. A construção da identidade de uma nação por meio da língua escrita e falada. *Fórum*. Ano 2, Volume 4 – p. 83-90 – jul-dez de 2008. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identicidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_4/SESSAO_L_FORUM_Pg_83_90.pdf>. Acesso em 03 jun. 2013.

CERVO, L. M. (I)Materialidade da língua como patrimônio. *Anais do IX Encontro do CELSUL*, Palhoça, SC, out. 2010, Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em <<http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Larissa%20Cervo.pdf>>. Acesso em 03 jun. 2013.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. *Educ. rev. [online]*. 1996, n.12, pp. 51-60.

CVRD - COMPANHIA VALE DO RIO DOCE. *A mineração no Brasil e a Companhia Vale do Rio Doce*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1992.

CVRD - COMPANHIA VALE DO RIO DOCE. *O mapa da mina*. 1999. Produção TV Zero. 1 videocassete. (34 min e 35 seg), VHS, son, color. Disponível em <<http://www.tvzero.com/projeto/mapa-da-mina-itabira>>. Acesso em 18 jun 2013.

FERNANDES, Karina Ribeiro; ZANELLI, José Carlos. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. *Revista de Administração Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 55-72, jan./mar. 2006.

FERREIRA, L. G.; LIMA, D. F. Linguagem, cultura e educação: concepções. *Revela - Periódico de Divulgação Científica da FALS*, ano I, nº 02, mar. 2008.

FROCHTENGARTEN, Fernando. Memória e colonização em Carlos Drummond de Andrade. *Psicol. Soc. [online]*. 2004, v. 16, n. 3, p. 97-101.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HOFSTEDE, G. *Cultures and Organizations: software of the mind*. London: McGraw-Hill, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Dados das cidades*. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313170>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

MANÉ, D. As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico. *Via Litterae – Revista de Linguística e Teoria Literária*, 4(1), 39-5, 2012.

MAYRINK, Geraldo. *Histórias da Vale*. São Paulo: Museu da Pessoa, 2002.

MINAYO, M. C. S. *De ferro e flexíveis: marcas do estado empresário e da privatização na subjetividade operária*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

OHUSCH, Márcia Cristina Greco; AMORIM, Maria do Socorro Sousa de. Diagnóstico das concepções de linguagem e de gramática nas aulas de língua portuguesa. *RevLet, Revista Virtual de Letras*, v. 03, nº 01, jan./jul., 2011.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem e análise lingüística: diagnóstico para propostas de intervenção. In: ABRAHÃO, M. H. V.; GIL, G.; RAUBER, A. S. (Org.). *Congress Latino-Americano sobre Formação de Professores de Línguas*. 1., 2006, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. p. 824-836.

PESSOA, Maria do Socorro. Sociolinguística e formação de professores de língua portuguesa materna e não-materna. *Anais do SIELP*, vol. 1, núm. 1, Uberlândia: EDUFU, 2011.

PESSOA, Maria do Socorro. *Sociolinguística aplicada ao ensino/aprendizagem de língua portuguesa*. Disponível em: < <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp15/01.pdf>>. Acesso em 26 jun. 2013.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. *Rev. Adm. Pública [online]*. 2012, v. 46, n. 2, p. 547-576.

SILVA, M. G. S. *Terceira Itabira: Os Espaços Político, Econômico Socioespacial e a Questão Ambiental*. São Paulo: Hucitec, 2004.

UNIFEI. *Campus Itabira*. Disponível em <<http://www.unifei.edu.br/diversos/unifei-campus-itabira>>. Acesso em 04 jun. 2013.

VERGARA, S. C. *Métodos de pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas, 2015.

IRON ORE OF THE SOUL: THE "CAMACO" DIALECT ITABIRANO

ABSTRACT

Various artifacts characterize the identity of a people. One of them is the dialect. This study sought to identify narratives about the creation story of the *Camaco* dialect, as well as its main characteristics and, analyze how this dialect remains today. The research was based on in-depth interviews and desk research. It also adopted a questionnaire to know the comprehensiveness of this language nowadays. It was concluded that there are many stories about that dialect, but this artifact denotes the roots of cultural identity of the itabirano people, that little by little has been modified.

Palavras-chave: Itabira. *Camaco*. Itabirana language.

Recebido em 01/02/2016.

Aprovado em 08/05/2016.